

MITODOLOGIA, MITOPOESIA E SUA CONTRIBUIÇÃO COM A TEORIA LITERÁRIA

MYTHODOLOGY, MYTHOPOETRY AND ITS CONTRIBUTION TO LITERARY THEORY

Ana Maria Leal CARDOSO¹

RESUMO: Este trabalho demonstra a contribuição das teorias do mito para a teoria e crítica literárias. Conscientes de que a literatura é uma criação mitopoética e que por isto o teórico e o crítico literário necessitam também do substrato, do fundamento epistemológico da “mitodologia” no difícil processo interpretativo do objeto literário/mitopoético, consideramos o modelo da jornada do herói mítico proposto por Joseph Campbell como parâmetro da permanência dos mitos eternos em torno do qual gravita a construção de inúmeros personagens modernos com o propósito de iluminar o papel influenciador deste monomito na obra literária, para confirmar a ideia de que a Teoria da Literatura não pode e nem deve prescindir das teorias do imaginário no seu repertório metodológico. Ele segue baseado nas teorias de renomados críticos como Campbell, Mircea Eliade, E. Mielietinski, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Mitopoesia. Mitocrítica. Teoria Literária. Herói mítico/literário.

ABSTRACT: This work demonstrates the contribution of myth theories to literary theory and criticism. Conscious of the fact that literature is a mythopoetic creation and therefore the theoretician and literary critic also need the substrate, the epistemological basis of “mythodology” in the difficult interpretative process of the mythopoetic literary object, we consider the model of the journey of the mythical hero proposed by Joseph Campbell as a parameter of the permanence of the eternal myths around which the construction of countless modern characters gravitates with the purpose of illuminating the influential role of this monomyth in the literary work, to confirm the idea that the Theory of Literature cannot and must not do without the theories of the imaginary in its methodological repertoire. It follows based on the theories of renowned critics such as Campbell, Mircea Eliade, Gilbert Durand, E. Mielietinski, amongst others.

KEYWORDS: Mythopoetry. Mythocritics. Literary Theory. Mythical/Literary Hero.

Mitopoesia, mitocrítica e teoria da literatura

Etnólogos, mitólogos, folcloristas, filósofos, dentre eles, Frazer, Arnold van Gennep, Gaston Bachelard, Claude Lévi-Strauss, Lévy-Bruhl, Ernst Cassirer, Mircea Eliade, Gilbert Durand, Northrop Frye, Joseph Campbell, deixaram uma significativa contribuição para a Teoria da Literatura ao pensarem e discutirem sobre o imaginário humano, seus mitos, arquétipos, símbolos, ritos e suas influências nas culturas, nas

1. Doutora em Letras, Profa. da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil. E-mail: analealca@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3181-0551>.

artes de forma geral e especificamente na literatura. Em “A poética do Mito”, Elizer-Mielietinski (1987, p. 1) diz que certa metaforicidade específica, um modo concreto-sensorial de generalizações e o próprio sincretismo da arte foram herdados até certo ponto da mitologia, além do que muitos artistas do século XX recorreram à mitologia como instrumento de organização artística da matéria poética, de modelos nacionais estáveis de cultura, graças ao “surgimento de uma específica escola mitológico-ritualista nos estudos da literatura, para a qual toda a poética é poética do mito”.

Apesar dos avanços tecnológicos, apesar das crises iconoclásticas e mitofágicas, é perceptível o regresso dos mitos antigos ou a sua reintegração, cuja onipresença é sentida em todos os setores da vida de modo que a modernidade começa com um pensar sobre os mitos nos seus mais diversos gêneros, estilos, formas, imagens “reais”, virtuais, arquetípicas, simbólicas, numa cadeia polifônica ininterrupta e cíclica.

Entende-se que a literatura alcança o plano mitopoético quando tem como base estrutural o mito, estabelecendo diálogo com as questões culturais, abrindo-se a reflexões existenciais e transpessoais, conotando uma fisionomia dos fenômenos naturais e dos comportamentos humanos pelos mitos em determinadas conjunturas psíquicas, históricas e socioculturais.

Inúmeras vezes o caminho para se alcançar a grandeza, beleza e novidade (elementos imprescindíveis da poesia) e as dimensões do mito em qualquer figuração em que ele se apresente, desde as narrativas literárias até as inquirições teórico-metodológicas a respeito do imaginário, é longo e diversificado, de modo que o mitólogo, assim como o crítico literário, pode transitar por áreas do conhecimento às vezes bastante incongruentes e para cujo fim se requisitam intrincadas formulações teóricas necessárias para o embasamento de um enfoque interpretativo que só a metodologia pode oferecer. Não raro as imagens míticas clássicas, religiosas, étnico-regionais e históricas circulam tão imbricadas no texto literário que se tornam demasiadamente difíceis, às vezes, inacessíveis as luzes de sua compreensão.

Destarte, para viabilizar a elaboração dos aspectos do mito, de suas influências, de sua trajetória, de suas feições, faz-se necessário compreender não só a conceituação plural do termo, mas, com o auxílio da mitodologia, especificamente da mitocrítica e da mitanálise, é fundamental descobrir o mito original, a narrativa mítica fundante que está submersa nas múltiplas camadas que constroem a linguagem artística atualizada no texto. Como num palimpsesto, há um mito por baixo das estruturas narrativas, às vezes encoberto pelas várias máscaras de novos mitos. Revelar essas novas faces dos velhos mitos é, portanto, uma tarefa dos cultores e autores denominados por Raphael Patai (1974) de mitopoetas.

O antropólogo francês Gilbert Durand (1982, p. 66) afirma que “um mito nos olha de dentro do texto, tomando de empréstimo a ideia e expressão de Jean-Paul

Sartre: “um texto olha-nos e é o que num texto nos olha que é o seu núcleo [...]”. Esse núcleo pertence ao domínio do mítico”. Para Durand, a fonte de significação de um poema, de romance, da obra completa de um romancista é o mito, que ele define como um “fundamento que interessa”, (utilizando o termo usado por Cassirer), um “ser prenhe” que está dentro de qualquer obra de arte, como reserva cultural, cruzando o olhar com o leitor. Há uma coalescência entre a literatura profana (na aparência) e o que “nos olha” na sua linguagem, “que se não é do domínio do sagrado, o é pelo menos do mistério” (RIBEIRO, 2012, p. 65). Ainda de acordo com Ribeiro (2012, p. 65) “as narrativas orais e escritas, no presente ou no passado, sempre tiveram um mito basilar. Há uma narrativa fundante, imagens e enredo dos princípios” e “por trás” dos textos literários, que são transmitidos através das gerações de poetas, dramaturgos, romancistas, contadores de histórias.

Mircea Eliade foi o primeiro crítico mitopoeta a enunciar o princípio de correspondência entre o texto literário e as estruturas míticas, interpretando a literatura dita “profana” e esse “núcleo que nos olha e interroga pelo seu além-mítico”, seguido, depois, por muitos mitólogos e estudiosos da religião que tiveram uma percepção da consonância dos grandes esquemas míticos nas artes (DURAND, 1982, p. 67).

Por seu turno, a literatura cria uma fissura entre o “real” e o imaginário ao transferir para o realismo fantástico ou para uma dimensão metafísica o incompreensível, cujo vazio pode ser preenchido pelo mito, que possibilita viver o irresponsável sem nenhuma explicação lógica visto que revela certas “verdades” da vida humana que satisfazem à razão e à emoção. Segundo Jung (2000, p. 158), “Por isso, o intelecto científico sempre sucumbe às tendências iluministas ao encastelar-se nos enigmas do mito com a esperança de banir definitivamente o fantasma das explicações lógicas”, pois o mito abre-se como uma janela a todos os ventos e presta-se a todas as interpretações.

Northrop Frye (1994, p. 136), “para quem o núcleo do princípio genético da poesia é o mito”, admite que todo escritor literário é um mitopoeta quando afirma que “a mitologia é e sempre foi um elemento integrante da literatura”. No entender de Ribeiro (2012, p. 66), a crítica mitológico-ritualista dos estudos literários considera, nas últimas décadas, que a “lírica assimilou elementos míticos diretamente dos rituais, das festas populares e dos mistérios religiosos”. Ribeiro (2008, p. 61) reitera ainda que a literatura contemporânea, ao que parece, continuou bebendo na mesma fonte cultural, “não obstante os mitos antigos terem sido parcialmente deslocados para uma posição periférica, tornando-se obsoletos ou sendo transformados” por outros modos de se viver e de criar.

Segundo Patai (1974, p. 88), estudiosos, escritores, críticos, sociólogos, antropólogos, psicólogos, historiadores, arqueólogos, professores e poetas que evidenciam, descobrem, estudam mitos podem ser chamados de mitopoetas porque se “convertem

em fazedores de novos mitos”. Em seus campos específicos de atuação: na sociedade, na psicologia, na cultura, na religião e na própria mitologia, estes estudiosos descobrem, mapeiam, registram, interpretam, desconstroem, criam e recriam mitos, evidenciando suas funções e influências, cotejando suas formas de representação, idealizando e conservando o imaginário coletivo e pessoal de forma própria.

Um mitopoeta está sempre preocupado em atribuir uma função transformadora à mente e ao espírito humano. Ele se preocupa em desembaraçar as sociedades e as culturas dos miasmas ideológicos que permeiam os mitos através da busca minuciosa de suas origens, propagando uma espécie de obsessão (ou total rejeição) pelo mito como linguagem relevante que conduz a compreensão de que o mito é parte integrante do universo humano-existencial. Joseph Campbell declara, poeticamente, na sua conhecida entrevista a Bill Moyers, publicada com o título de *O poder do mito*, que

[...] a mitologia é a música da imaginação, inspirada nas energias do corpo. [...] Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. [...] O mito é o sonho público, e o sonho é o mito privado. Se o seu mito privado, seu sonho, coincide com o da sociedade, você está em bom acordo com seu grupo. Se não, a aventura o aguarda na densa floresta à sua frente. [...] Eu penso na mitologia como a pátria das Musas, as inspiradoras da arte, as inspiradoras da poesia. Encarar a vida como um poema, e a você mesmo como o participante de um poema, é o que o mito faz por você. (CAMPBELL, 1990, p. 23).

A simples preocupação em descrevê-lo à luz de uma abordagem historiográfica comprova que todas as leituras do mito têm, ao menos, um ponto em comum: o de nele reconhecer uma visão de mundo sobre a qual é necessário refletir, ainda que essa reflexão tenha a intenção de dessacralizá-lo, de desconstruí-lo, o que parece impossível, visto que nenhum indivíduo, povo ou sociedade é capaz de destruir um mito. Um mito não morre, apenas é ocultado por um tempo, ressurgindo noutra tempo e lugar com nova fisionomia e função. Nisto reside o seu poder. De qualquer forma, seja qual for o caminho ou o propósito que justifique a busca do mito: a *mitoclastia*, a *mitomania*, a *mitogonia*, a *mitofobia*, a *mitografia*, o *mitologema*, a *pregnância simbólica*, a *mitocrítica*, entre outras, estaremos sempre lidando com mitopoiesia e com mitopoetas.

Abarcado pela Teologia, Filosofia, Psicanálise, Psicologia, História, Estudos Literários e pela Mitologia, dentre outros campos do conhecimento, o mito é a materialidade do desconhecido que, tomado como objeto de estudo, ganha a aderência dos pressupostos teóricos da vertente do conhecimento humano que o interpreta, mas não perde sua própria essência, que, segundo Campbell (2000, p. 21) é a de levar “o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás”. Assim, desde o período clássico até o contemporâneo, a

questão da formação do mito e de sua influência na evolução da experiência humano-existencial tem passado por apreensões teórico-críticas semelhantes, complementares e mesmo dissonantes. E as imagens míticas, materialidade do mito, circulam na sociedade e a ela se integram a partir de diferentes processos de recepção e reprodução.

O termo “mitocrítica” nomeia uma atitude crítica, cuja proposta é reconhecer e analisar a dimensão mítica presente em todas as formas de representação e simbolização que circulam na sociedade por meio das obras de arte literária. Ela reflete sobre o modo como a poesia, a narrativa e o drama, em cujas formas o plano maravilhoso é responsável pela circulação de imagens arquetípicas de ordem diversa, contribui para que a identidade cultural, cujas experiências, muitas vezes, estão cerceadas pelo controle ideológico, seja assumida, cultuada e valorizada como herança sagrada da trajetória do homem sobre a terra em busca da “felicidade”, o objeto mágico que se busca na vida e na arte.

De outro lado, o recorte mitocrítico busca ressaltar o que nas imagens míticas compõe um painel simbólico capaz de reintegrar à experiência da leitura a vivência da dimensão metafórica plural do mito, ampliando a visão de mundo e a capacidade de compreensão do mesmo por parte dos leitores. Nesse sentido, a visão historiográfica dos estudos do mito e a crítica desses estudos fornecem elementos importantes para a definição dos procedimentos a serem seguidos para que possam ser observadas as injunções que atuam sobre a circulação de determinadas imagens míticas na cultura e em especial, na arte literária.

Para o psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1991, p. 110), “a arte literária é uma atividade psicológica em sua manifestação e o ato criador ocorre de forma espontânea através de imagens arquetípicas”. A experiência com o arquétipo é, de certa forma, uma emoção inevitável e de caráter coativo, que está sempre ligada ao cânone simbólico-cultural a que se refere. Sua natureza é inescrutável e sua origem obscura – o inconsciente coletivo – ao qual jamais se terá acesso direto.

Entretanto, a linguagem dos arquétipos é o mito, este que dá materialidade e visibilidade ao arquétipo porque, em sua essência, o arquétipo é numinoso. A indagação aos mitos favorece a imersão no mundo das imagens arquetípicas no texto literário. O poeta vislumbra o arquétipo e se apropria do mito que lhe dá vida para expressar as imagens que pressentiu, criando a nova roupagem da imagem arquetípica. Ribeiro (2017, p. 55) destaca que as representações psicológicas dessas imagens e sistemas de imagens são entendidas “como fantasia do espírito, uma realidade entre o intelecto e a matéria”, que está sob o domínio do mito. É esta realidade que o psicólogo busca revelar por isso ele também é considerado um mitopoeta.

O mito do herói e sua representação na literatura

Joseph Campbell elaborou o clássico conceito de herói e descreveu o modelo de sua jornada nos mitos, nos contos de fada, nas lendas, nas religiões, nas artes, nos rituais, na literatura em especial. Há décadas este método morfológico tem servido de âncora para críticos literários, fenomenólogos, mitólogos, psicólogos, culturalistas, enfim, para quem deseja interpretar a ação deste personagem arquetípico que sempre despertou nas pessoas uma profunda admiração e o desejo de imitar suas proezas. Isto porque o herói, com seus dons especiais, é a figura redentora e criadora que empreende esforços para solucionar grandes problemas sociais bem como para conseguir transformação e renovação pessoal através da ampliação da consciência. Para tanto ele desconstrói clichês anatômicos a fim de validar mudanças, corrigir falhas, reparar carências e suprir as necessidades de uma pessoa, de uma comunidade, de uma época, enfim. De acordo com Campbell, o herói nasce predestinado para a difícil missão de servir à coletividade e para cujo fim se sacrifica, abandonando velhos padrões existenciais, fundando algo potencialmente novo que revitaliza a tradição.

O herói é todo homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humano. Eis por que falam com eloquência, não da sociedade e da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce. (CAMPBELL, 2000, p. 43).

Após realizar um exaustivo estudo sobre heróis de várias culturas e religiões do Oriente e do Ocidente, uma ambiciosa proeza que resultou numa inestimável contribuição para a mitologia, até para a teoria literária, Campbell (2000, p. 41-42) conclui que “o herói composto do monomito é uma personagem única”, um padrão humano básico, “ridículo ou sublime, grego ou bárbaro, gentio ou judeu”, cuja vida se multiplica em diferentes terras e povos; o herói representa todo ser humano que se esforça por renovação pessoal, social, através do domínio criativo e da ampliação da consciência. Arquétipo de homem que possui qualidades físicas, grandeza espiritual, princípios éticos e valores morais, dons que o tornam capaz de enfrentar até os deuses na luta contra adversidades e inimigos.

Com poucas variações no plano essencial, sua aventura é um paradigma universal: convocado pelo destino ou pelos deuses para reparar um mal que atinge lugares e pessoas, muitas vezes representados por dragões, serpentes, monstros, ele parte do lugar harmônico onde nasceu e cresceu, vai para um lugar distante, onde sofre ordálias, mas se torna capaz de superar qualquer obstáculo, desde as proibições do mundo até

os próprios limites, em benefício da causa social e/ou cultural. Campbell (2000, p. 121) defende que ele abandona velhos padrões existenciais e funda, a partir de uma “ideia semente-germinal”, algo potencialmente novo: uma era, uma religião, uma cidade, uma modalidade de vida; por isso é considerado um inovador que revitaliza a tradição, desconstruindo um amontoado de clichês anatômicos para validar as mudanças pelas quais luta, esforçando-se para corrigir falhas e reparar carências que suprem as necessidades de uma época.

Campbell esquematiza o monomito da jornada do herói mítico servindo-se do percurso padrão de aventura humana mitológica apresentada nos rituais de passagem de diferentes culturas e épocas, obediente à sequência: separação-iniciação-retorno. Não obstante serem encontradas pequenas variações na morfologia da aventura, nos papéis envolvidos, nas vitórias obtidas, o modelo da aventura resume-se na ação de um homem excepcional, que vem de um mundo harmonioso, tranquilo, e se aventura em uma região de prodígios sobrenaturais, enfrentando fabulosas forças com que trava grande luta. Assim, conforme estabelece Campbell (2000, p. 61), “o herói recebe um *chamado*, ordem ou convite, anunciado pelo *arauto*”, uma figura ambígua, às vezes, aterrorizadora, maléfica, sombria, podendo ser representado por animal, por um estranho, por um ente etéreo ou divino, material ou sobrenatural, que o convoca para realizar uma tarefa difícil. Aceitando o chamado, o herói parte para um lugar distante, desconhecido e perigoso, onde executará façanhas sobre-humanas, sofrerá, lutará, provará delícias inimagináveis, desvelará enigmas, morrerá e renascerá.

Para orientar o caminho difícil e ajudar enfrentar os *obstáculos do limiar de passagem*, o herói recebe um *auxiliar sobrenatural*, figura benigna que fornece amuletos contra as forças titânicas que o perseguem. Às vezes, o auxiliar sobrenatural assume a função de guia, mestre, barqueiro e condutor de almas. O herói enfrenta uma sucessão de provas. Entretanto, ele estará sendo ajudado por um poder benigno, sobre-humano, sortilégios oferecidos pelas forças poderosas que o auxiliam. Vencidas todas as barreiras e ogros, acontece sempre casamento místico (hierósgamos), união sexual do herói com a Rainha-Deusa do mundo. Eis seu grande triunfo.

A apoteose do herói, que pode ser a própria divinização, ocorre no nadir da jornada, após sua suprema provação. A recompensa é o reconhecimento e bênção do Pai, seu iniciador e mestre, e o encontro com a Deusa, que está encarnada em toda mulher. Terminada a busca, tendo encontrado, recebido espontaneamente ou roubado o objeto e abençoado pelos deuses, o herói deve retornar com o troféu transformador da vida: a sabedoria, o velocino de ouro, a princesa adormecida, o elixir da cura, etc.

Campbell (2000, p. 28) enfatiza a necessidade de se conservar os mitos para preservar o homem e atesta a impossibilidade de se negar o herói arquetípico, pois “o herói morreu como homem; mas, como homem eterno – aperfeiçoado, não específico

e universal – renasceu”. A grande massa de homens e mulheres, que ele chama de “peregrinos do caminho”, vive de muitas maneiras essa jornada arquetípica, experimentando, preferencialmente, aventuras rotineiras inconscientes e coletivas.

O herói literário moderno

Seria impossível listar o imenso acervo de obras, pelo menos na literatura clássica ocidental, montadas em arquitecões míticos, com vistas a comprovar as asserções mítico-ritualistas que sustentam a tese de um núcleo estrutural temático mítico-arquetípico no texto literário. Seria, no mínimo, enfadonho elencar heróis e heroínas enredados em mitologemas fabulosos de lutas, quedas, despedaçamentos sacrificais e ascensões transformadoras. Inúmeras narrativas, poemas, tragédias, dramas, tragicomédias, comédias, autos, desfiam tramas que atribuem ações, pensamentos e vozes a personagens imaginários; incontáveis estórias repetem a saga primordial de divindades celestes, e reconstroem a comunhão primeva com a natureza e com o sagrado, revisitam lugares maravilhosos em busca do paraíso perdido, remodelam uma ontologia humana, mimetizam o mundo, imaginando enigmas, reinventando destinos, ritualizando a vida e a morte.

Viajando no tempo, percorrendo épocas memoráveis, vamos encontrar ninfas apaixonadas, belas cativas, beldades em torres e rochedos, transpondo umbrais de mortes legendárias, homens hercúleos cercados por uma horda de feiticeiros, ogros e divindades auxiliares, em busca do objeto mágico e da amada. O imaginário coletivo impregnou de tal forma a nossa vida que nem percebemos quando a ele recorremos, comenta o poeta e crítico Leminski:

Literariamente, essa imensa máquina atravessou viva a Idade Média, reaceendeu no Renascimento italiano e sobreviveu, impávida, até o romantismo europeu do século XIX [...]. De Homero a Goethe, passando por Dante e Shakespeare, numa linha ininterrupta, durante mais de dois mil anos, o imaginário grego sempre foi o primeiro alimento do poeta ocidental culto, seu *soft-ware* de fantástico, referencial de imagens, delírio compartilhado. (LEMINSKI, 1994, p. 60-66).

Encontramos o herói mítico renascido desde a *Divina Comédia*, que, apesar de transformado, continua visitando o inferno, principalmente, passeando sobre sua alma. Ele também procura agarrar a história, mas é sempre superado por ela. A sua morte simboliza o fim da alienação; a sua descoberta, mesmo trágica ou violenta, é sempre um passo para diminuir suas limitações. Para Feijó (1995, p. 66) “o leitor identifica-se com o herói de Dante, não pelos seus superpoderes, nem pela sua força ou coragem, nem mesmo pela ajuda dos deuses, mas pela sua capacidade de tornar o visível invisível

e o dizível inefável”, isto é, por atingir uma verdadeira aventura em busca do Si-mesmo, onde o herói não é o homem superdotado, mas o indivíduo angustiado, ansioso para descobrir e atingir a verdade que representa a própria humanidade. Tal imagem do herói transita até a contemporaneidade.

Ainda que os deuses arcaicos tenham sucumbido ante a força e grandeza dos deuses da tela do cinema e da televisão, cada pessoa, segundo Campbell (2000, p. 15), “tem seu próprio panteão do sonho privado e da arte”, até porque, “os símbolos da mitologia não são fabricados; não podem ser ordenados, inventados ou permanentemente suprimidos porque são produções espontâneas da psique e cada um deles traz em si, intacto, o poder criador de sua fonte”. O herói surge transfigurado, na literatura contemporânea e avança em direção à sua humanização na pele da personagem que atua num cotidiano desmitologizante, tornando-se, muitas vezes, um anti-herói. O ciclo dos anti-heróis teve início com o herói problemático Dom Quixote – o primeiro da literatura moderna – restando à criação literária, depois dele, as alternativas de destituir o herói divino, trazê-lo de volta para conviver com o mundo moderno ou manter um limite entre o herói divino e o humano.

O herói moderno é um indivíduo que dessacraliza o semideus e age dentro das limitações humanas, que deseja ser o que é. Na literatura moderna o destino do herói é a sua iniciação, cuja ação tem como origem um erro porque o indivíduo é o grande problema; se na tragédia clássica o que derrota o herói é a luta contra a *moira*, e na epopeia, os sentimentos de amor e ódio o tornam espiritualmente preparado para o bom combate, na literatura contemporânea quem transforma o herói é a própria impotência mediante o mal coletivo que aparece com muitas configurações.

O leitor não mais se deleita com os super poderes do herói divino, mas vibra com sua capacidade de tornar dizível o indizível e conhecido o desconhecido. Além disto, ele deixa de ser um herói coletivo para se tornar um herói de si mesmo, de sua individuação, vivendo as agruras do espírito humano e dando sentido ao seu ser no mundo. Os escritores modernos passaram a narrar façanhas de homens vencidos pelo amor, de sonhadores que buscam soluções românticas para seus problemas, que agem dentro dos limites humanos, desejando tão somente ser o que é, dessacralizando o semideus clássico das narrativas mitológicas, das lendas e dos contos de fada. Na literatura contemporânea, o destino do herói é a sua própria iniciação na árdua jornada de viver. Todavia, ainda assim, o herói mítico ressurgue transfigurado, avançando em direção à sua humanização na pele de personagens comuns, muitas vezes como anti-heróis que escapam do cotidiano desafiador.

Considerações finais

O processo de remitologização na literatura – fenômeno de retomada e transformação dos mitos que resultou da depressão pós-guerra, do imediatismo capitalista, da fragmentação do sujeito, das descobertas intergalácticas, da empolgação dos estudos do inconsciente, dentre outros fatos históricos, científicos e tecnológicos – ensejou a criação de um novo herói, o super-homem, resgatando, assim, o paradigma do herói mítico, desta vez, em busca da mãe, das origens paradisíacas, do amor, do “feliz para sempre” no reino encantado das bem-aventuranças, do seu próprio Eu. Isto foi o que Campbell comprovou com o seu “herói de mil faces”, por isto ele é considerado um mitopoeta.

São muitos os desafios globais que a humanidade enfrenta: guerras econômicas e religiosas, epidemias, violência, corrupção, desastres naturais, fome. Tudo isto provoca incuráveis psicopatologias. Pois, como sustentam Ribeiro e Cardoso (2018, p. 70), no início do século XX, Jung percebeu que o indivíduo moderno estava “psicologicamente doente, alienado, em desarmonia consigo e com o mundo. Uma das principais causas dessa crise espiritual foi a crescente subordinação às organizações coletivas” configuradas, dentre várias formas, como o consumo capitalista e a submissão aos poderes sociopolíticos constituídos. O drama continua.

A história e as artes têm mostrado que homens e mulheres precisam enfrentar grandes males existenciais, necessitam travar uma batalha heroica para vencer as dificuldades vivenciadas em todas as instâncias da vida, ambos experimentam as mesmas inquietações tanto no que concerne aos relacionamentos sociais quanto no que toca aos sofrimentos psíquicos. O grande desafio é bem viver ou sobreviver num mundo tão adverso e impiedoso. E o maior destes desafios ainda é superar as limitações da velhice e o medo da morte.

Ainda que o mito do herói permaneça vivo nos contos de fadas, nas religiões propiciatórias e de mistérios, nas narrativas contemporâneas, nos sonhos e nas artes, até na realidade cotidiana, ele vem se transfigurando e revelando novas faces. O herói psicológico é fruto do tempo e assume novas tarefas desafiadoras. Homens e mulheres, que hoje experimentam as mesmas expectativas e temores, precisam chegar a um acordo com as forças do inconsciente que atuam na psique pessoal e social para mudar suas mentalidades e transformar o mundo.

Referências

- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2000.
- _____. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

DURAND, Gilbert. *Mito, símbolo e mitologia*. Trad. Hélder Godinho e Vítor Jabouille. Lisboa: Presença, 1982.

FEIJÓ, Martin Cézár. *O que é herói*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1994.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *O espírito da arte e na ciência*. Trad. Maria de Moraes Barros. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

LEMINSKI, Paulo. *Metamorfose: uma Viagem pelo imaginário grego*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

MIELIETINSKI, E. M. *A poética do mito*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

PATAI, Raphael. *O mito e o homem moderno*. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultix, 1974.

RIBEIRO, Maria Goretti. As fontes originárias do mito na poesia de Myriam Fraga. *Revista Sociopoética*, Campina Grande - PB, v. 1, n. 19, p. 48-61, 2017.

_____. Da literatura aos mitos: a mitopoética na literatura de Lya Luft. *Revista Interdisciplinar de Pesquisa e Inovação*, São Cristóvão - SE, v. 7, n. 7, p. 59-79, 2008.

_____. O sagrado Feminino na literatura. *Revista IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 63-75, 2012.

RIBEIRO, Maria Goretti; CARDOSO, Ana Maria Leal. A jornada do herói e da heroína: uma discussão analógica à luz da mitopsicocrítica. *Revista Têssera*, Uberlândia, MG, v.1, n.1, p.58-74, 2018.